

Temas polêmicos

# Música Erudita ou Popular?

Ernesto Rosa

Qual é a melhor música?

Depende da finalidade! Se você quer dançar no salão, aconselho não colocar Wagner, Brahms ou Stravinsky. A música popular é muito melhor que a "clássica". Assim, temos a melhor música para marchar, rezar, velar, malhar, casar etc. Claro que, de acordo com os padrões de cada época.

Como entretenimento, todos os tipos são igualmente bons, cada pessoa com seu gosto, seus valores e nível cultural.

A música "clássica", combinação abstrata de sons, sem letra, possui uma história. Há um longo caminhar, desde o Cantochão, Barroco, Clasicismo, Romantismo até à música "clássica" feita hoje.

Começa com as homofonias medievais, passando aos cânones, às contribuições de Perotinus caminhando para a polifonia. Enquanto isso, estava sendo desenvolvida uma notação e instrumentos mais apropriados. Passamos por Palestrina, Monteverdi, Vivaldi e, século XVIII, chegamos a Bach e aos Concertos de Brandeburgo. Também com Bach surge a escala de temperamento igual. Em seguida vêm as sinfonias de Haydn. Depois Beethoven, Brahms, Wagner e a música nova com Stravinsky e Schoenberg. Tudo isso interagindo com a construção de uma teoria de harmonia, contraponto e orquestração.

Essa música possui uma história de contribuições acumulativas seculares, feitas pelos grandes mestres e afastando-se da música de senso comum, letra cantada.

Há muitos tipos de livros de História da Música: cronologias, listagens de músicas de sucessos, sociologia, curiosidades, biografias de compositores etc. Mas há uma história da música que trata da evolução das formas musicais e da teoria musical. Nessa História da Música, aparecem nomes dos compositores que contribuíram com ela. Essas contribuições podem ser revolucionárias, com quebras de paradigmas, ou de exploração e saturação das novas formas. Desse modo, ficou à disposição da sociedade um grande sistema, bem fundamentado e sistematizado de teoria musical, que continua em construção. No Brasil, grandes compositores deram suas contribuições: Vila Lobos, Mignone, Guarnieri, Guerra Peixe, Santoro e outros. Eles figuram nos livros de História da Música.

As músicas que escutamos na mídia ou festas e shows, não estão nos livros de história da música porque não trazem contribuições e, claro, nem possuem essa finalidade.

Para que a música abstrata?

A humanização também possui uma história. O processo evolutivo é resultado da interação com o ambiente, e o próprio ser humano cria treinamentos para seu próprio desenvolvimento, em uma direção desconhecida, que vai sendo

construída na própria caminhada. Do ponto de vista físico, há o esporte. Há as artes plásticas, para desenvolver habilidades manuais e acuidade visual. Para a fala há a música e o teatro, treinando entonações e trejeitos.

A música – abstração de entonações – possui um sentido antropológico: o ser humano treinando e desenvolvendo sua própria capacidade de fala e acuidade auditiva. As entonações são socialmente construídas e musicalmente buriladas. Por isso, povos de falas muito diferentes possuem músicas muito diferentes. Com a globalização e a imposição do inglês, surgiu uma tendência à uniformização mundial. Assim, vemos orientais cantando óperas e muito bem. Pena que a língua inglesa não seja exatamente a base da nossa música.



Johann Sebastian Bach.

A música "clássica" não é elitista, ela é útil para todos que dela quiserem fazer uso. Sim, erudita, sem o pejorativo. É música culta, sim. É preciso aprender a ouvi-la. Não é imediata! Elitismo é pensar que culto é para alguns enquanto que para o povo, serve qualquer coisa.

A Música "clássica" possui um segundo gosto além do entretenimento: é o prazer de crescer intelectualmente, de desenvolver a própria fala e a capacidade de ouvir.

Mais textos curtos e polêmicos no blog:  
[internestorosa.blogspot.com](http://internestorosa.blogspot.com)